



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS  
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

Sabrina Mendes Rosa La Banca

**Vozes marginalizadas: *Fanfics* enquanto refúgio de autoria e representatividade**

Florianópolis

2025

Sabrina Mendes Rosa La Banca

**Vozes marginalizadas: *Fanfics* enquanto refúgio de autoria e representatividade**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Luana Barossi, Dr<sup>a</sup>.

Florianópolis

2025



La Banca, Sabrina Mendes Rosa

Vozes marginalizadas : Fanfics enquanto refúgio de autoria e representatividade / Sabrina Mendes Rosa La Banca ; orientadora, Luana Barossi, 2025.

44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

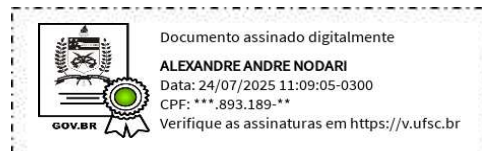
1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Fanfic. 3. Cibercultura. 4. Vozes marginalizadas. I. Barossi, Luana. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

Sabrina Mendes Rosa La Banca

**Vozes marginalizadas: Fanfics enquanto refúgio de autoria e representatividade**

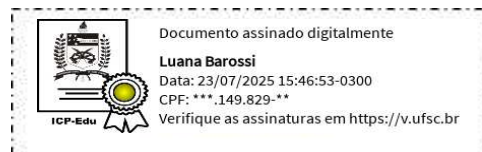
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Local Florianópolis, 26 de junho de 2025.



Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Prof<sup>a</sup>. Luana Barossi, Dr<sup>a</sup>

Orientadora



Prof<sup>a</sup> Daviane Moreira e Silva, Dr<sup>a</sup>

Instituição Universidade Federal de Jataí



Prof<sup>a</sup> Nadege Ferreira Rodrigues Jardim, Dr<sup>a</sup>

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2025.

Dedico este trabalho para toda a comunidade de fanfiqueros da internet, e  
ao longo da história.



## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho representa a concretização de uma importante etapa da minha formação acadêmica e pessoal. Para que esse momento fosse possível, contei com o apoio, incentivo e colaboração de diversas pessoas às quais sou profundamente grata.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família, que me apoiou e cuidou ao longo de todo o período da graduação. Aos meus pais, Samuel e Rosiane, que me amam incondicionalmente e me deram todo o sustento que precisei ao longo desses anos, mesmo enfrentando imprevistos e dificuldades. Eles são fonte de muita inspiração para mim e palavras nunca serão suficientes para agradecer. Às minhas irmãs, Juliane e Melissa, que sempre estiveram lá por mim, prestando atenção e carinho, compartilhando das suas experiências e servindo de exemplo como acadêmicas.

Agradeço, também, à minha orientadora, professora Luana, que acolheu a ideia do trabalho desde o início e me deu segurança de seguir com o tema. Sua paciência e atenção foram importantíssimas para o desenvolver do trabalho, bem como sua orientação e conhecimento.

E, sem dúvida, esse trabalho não seria possível sem os meus amigos, que me apoiaram e me escutaram todas as vezes que precisei falar com alguém. Em especial, agradeço ao Vic, que passou incontáveis horas comigo e viveu em conjunto cada etapa dos nossos TCCs, com todas as ansiedades, desafios e comemorações que acompanham o processo da escrita de um trabalho como esse, ao Andie, que suportou e apoiou a nós dois – eu e Vic – e ao meu melhor amigo e namorado, João, que, mesmo de longe, sempre esteve ao meu lado e fez com que os meus dias fossem mais leves e felizes.

Para aqueles que não foram nomeados, mas que contribuíram neste processo, também agradeço profundamente.

Fanfiction is written for free by people who genuinely love what they're writing about.

That's why it's better. That's why it's more satisfying. Fanfiction is a home-cooked meal made for yourself and for your friends. Media today is junky fast food spoiled by too much grease and the knowledge that the people producing it are being criminally mistreated and underpaid. (guiltyhipster, 2020)

## RESUMO

O presente trabalho tem como principal foco a *fanfic* e como esse espaço virtual se tornou um refúgio para vozes marginalizadas, em especial, vozes *queer*. Para isso, foi realizado um levantamento histórico da *fanfic* e das definições de *fandom*, usando dos trabalhos de Henry Jenkins (1992), Anne Jamison (2017) e André de Jesus Neves (2014). A análise da construção da *fanfic* ao longo do tempo foi de suma importância para compreendê-la como um ambiente alternativo ao do cânone literário e mídias *mainstream*, onde a maioria da representação consiste em narrativas cisheteronormativas, enquanto que a autoria é dominada por homens, também, cisheterossexuais. Para evidenciar a presença de narrativas *queer* nas *fanfics*, foi realizado um levantamento de dados a partir das *tags* utilizadas pelas plataformas de publicação de *fanfic* AO3 – para um panorama internacional – e Spirit Fanfics – para um panorama nacional –, resultando em uma predominância de temas centrados em sexualidades e identidades dissidentes.

**Palavras-chave:** *Fanfic*; Vozes marginalizadas; Cibercultura.

## **ABSTRACT**

This paper focuses mainly on fanfic and how this virtual space has become a shelter for marginalized voices, especially queer voices. For that, a historical research of fanfic and definitions of fandom was made, using the works of Henry Jenkins (1992), Anne Jamison (2017), and André de Jesus Neves (2014). The analysis of the fanfic's construction over the years was of utmost importance to understand it as an alternative environment to the literary canon and mainstream media, where most of the representation consists of cisheteronormative narratives, while the authorship is dominated by men, also cisheterosexual. To highlight the presence of queer narratives in fanfics, a data survey was conducted based on the tags used by the fanfic publishing platforms AO3 – for an international perspective – and Spirit Fanfics – for a national perspective –, resulting in a predominance of themes centered on dissident sexualities and identities.

**Keywords:** Fanfic; Marginalized voices; Cyberculture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página da *fanfic* “Polaris”

23

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fanfics no AO3 por categoria de pairing	34
Tabela 2 – 12 gêneros com mais <i>fanfics</i> no Spirit Fanfics	36

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AO3	Archive of Our Own
F/F	Female/Female (Mulher/Mulher)
F/M	Female/Male (Mulher/Homem)
Gen	General Audiences
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e outros
M/M	Male/Male (Homem/Homem)
RPF	Real People Fiction

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>UM BREVE HISTÓRICO</b>	<b>18</b>
2.1	O QUE É FANFIC?	18
2.2	FICWRITERS	24
2.1.1	A questão da autoria	25
2.1.2	Quem são os <i>ficwriters</i> ?	28
<b>3</b>	<b>A FANFIC COMO REFÚGIO</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>EXPLORANDO OS PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS</b>	<b>34</b>
4.1	AO3	35
4.2	SPIRIT FANFICS	37
4.3	CONCLUSÕES A PARTIR DOS DADOS	39
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As *fanfics* têm um impacto muito significativo na construção de inúmeros leitores e escritores, lidando diretamente com a formação de comunidades e verdadeiras redes de apoio ao aproximar pessoas que são fãs de uma mesma obra e possuem vivências semelhantes. Não só isso, como também deve-se levar em consideração a forte característica de acessibilidade, volume e compartilhamento das *fanfics* que a internet proporciona.

Com isso em mente, sempre tive a impressão de que *fanfic* é um tema imenso demais para haver tão pouco estudo sobre. Ao realizar esse trabalho eu, na verdade, acabei me surpreendendo com cada autor que encontrava sobre o tema, como Henry Jenkins e Anne Jamison, pois a literatura virtual – em um geral – é pouco acessada durante a graduação do curso de Letras, e malmente ouvi durante uma aula a mais vaga menção da existência das *fanfics*.

Quando falo da *fanfic* como um refúgio, é porque eu fui uma das pessoas acolhidas por ela, então é claro que fui movida pela minha longínqua paixão por *fanfics* misturada com a minha grande curiosidade em saber o que o mundo acadêmico tem a oferecer sobre esse assunto, além de gostar bastante da ideia de eu mesma poder colaborar para que a *fanfic* seja melhor compreendida, apreciada e questionada.

Através deste trabalho, procuro explicar o que é e qual o contexto em que *fanfics* são escritas e publicadas, bem como explicar o processo até que a *fanfic* se tornasse esse refúgio que um dia me acolheu – e a tantos outros. Além disso, será importante contar com dados sobre quem escreve *fanfic* e sobre quais os principais temas abordados, e como ambos se relacionam.

Muitos dos conceitos utilizados partem do livro de Henry Jenkins (1992), que discute extensivamente sobre *fandom*, *fanfic* e cultura participatória, bem como André de Jesus Neves (2014) que apresenta noções de cibercultura e identidade e autoria em produções culturais participatórias, e o livro de título fantástico “Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo”, de Anne Jamison (2017), conta com uma infinidade de trechos que realmente encapsulam a experiência da comunidade de *fanfic*, especialmente por haver uma pluralidade de colaborações que contam de suas próprias experiências pessoais com a *fanfic*.

O foco do segundo capítulo são as definições e história da *fanfic*, bem como quem são aqueles que as escrevem. Primeiramente, será feito um breve apanhado histórico, reunindo os três momentos mais importantes da construção da *fanfic* como se conhece hoje, visto que uma contextualização é indispensável para entender o que é uma *fanfic*, que é, além de tudo, um conceito profundamente indissociável do *fandom* e das plataformas online.

Em seguida, é apresentada a principal figura para que a existência da *fanfic* seja possível: o *ficwriter* – o autor de *fanfic*. Como as noções de autoria se estabelecem em um gênero que faz sua narrativa baseada em uma obra já existente, escrita por outro autor? Além disso, quais são as transformações que a internet causa em uma obra online que passa a ser uma construção coletiva entre os usuários? E quem, exatamente, está escrevendo essas *fanfics*? Todos esses questionamentos são levantados e elaborados a partir das discussões de autoria em Foucault (1969) e conceitos de *fanfic* e cibercultura de Neves (2014), além de tentar estabelecer o perfil do *ficwriter* através de Jamison (2017) e pesquisas demográficas feitas com leitores e escritores de *fanfic*.

O terceiro capítulo é centrado em como a comunidade de *fanfic* se tornou um refúgio para vozes marginalizadas, com base nos dados apresentados no capítulo anterior. Quando o cânone literário e as mídias *mainstream* falham em entregar uma representatividade significativa de pessoas *queer*, o espaço da *fanfic*, livre das expectativas do mercado e da norma cisheterossexual, acaba por se tornar um local seguro para que os fanfiqueros possam explorar suas sexualidades e identidades.

Por fim, o quarto capítulo procura explorar os principais temas abordados pelas *fanfics* através de dois sites de publicação de histórias: o Archive of Our Own (AO3), que é internacionalmente famoso e possui um imenso volume de *fandoms* e *fanfics*, e o Spirit Fanfics, que é um site brasileiro que, a princípio, tinha como objetivo ser uma rede social para fãs de animes e mangás, mas de forma quase natural se tornou um site para publicação de *fanfics*. O capítulo encerra com a análise dos dados coletados e reflexões que podem ser feitas a partir deles, problematizando sobre como, mesmo dentro de grupos marginalizados, existem aqueles que são mais representados que outros.

## 2 UM BREVE HISTÓRICO

É impossível falar de *fanfiction* ou, como é popularmente utilizado, *fanfic*, sem fornecer alguma contextualização, uma vez que o gênero é recente, pouco estudado e pouco propagado no senso comum e no conhecimento popular, permanecendo localizado apenas em nichos específicos. Ao mencionar o tema deste trabalho, por muitas vezes tive que dar uma longa explicação após ouvir um “mas o que é isso?” vindo de pessoas de diferentes círculos sociais.

Não somente é importante contextualizar em razão dos motivos mencionados, como também o contexto é crucial para, de fato, compreender as minúcias das várias peças que compõem uma *fanfic*, visto que a sua construção através do tempo e dos diferentes espaços que ocupou foi precisamente um dos fatores fundamentais para estabelecer as comunidades de *fanfics* como são hoje.

O presente estudo irá abordar a definição de *fanfic*, quem são os autores e consumidores do gênero, como a internet impactou na prática da *fanfic*, as implicações a respeito da representatividade e do cânone literário e, por fim, irá explorar quais são os temas mais presentes dentro das narrativas publicadas para analisar como essas características das *fanfics* contribuem para a sua marginalização. As informações que serão analisadas vêm de um levantamento de dados a partir dos sites Archive of Our Own (AO3) – para um panorama internacional – e Spirit Fanfics – para um panorama nacional.

### 2.1 O QUE É FANFIC?

As *fanfics* são narrativas escritas por fãs de obras já existentes, com a principal intenção de interação com outros fãs da mesma obra. Na atualidade, as *fanfics* são principalmente publicadas em plataformas digitais, mas outros formatos também fazem parte da história da *fanfic*, como trocas de cartas e revistas independentes. Os autores de *fanfic* se apropriam de personagens, cenários e enredos de obras originais das quais são fãs, a fim de criar a própria narrativa com esses elementos, buscando algum tipo de interação, complemento, mudança, crítica, sátira e até mesmo visibilidade a temas ou personagens em que a obra original não se aprofundou. Livros, filmes, séries, histórias em quadrinhos, animações, jogos eletrônicos e novelas são exemplos de obras das quais são feitas

as *fanfics*. No caso das pessoas reais, muito se tem a ver com uma fantasia do fã de se encontrar com, por exemplo, seu cantor favorito, ou de ver determinado ídolo formando um casal com outra celebridade, fazendo uso de sua personalidade, aparência, nacionalidade, carreira e relacionamentos para o enredo das suas *fanfics*.

Inicialmente, o termo fazia ligação apenas com fãs de obras de ficção, por isso o nome *fan* e *fiction* (do inglês, “fã” e “ficção”, respectivamente), porém houve uma expansão do tema dos textos publicados para incluir narrativas fictícias baseadas em pessoas reais, como integrantes de grupos musicais, apresentadores de programas de televisão, atores, políticos e criadores de conteúdo nas redes sociais.

Um dos elementos essenciais para se compreender as *fanfics* é o conceito de *fandom*. Um *fandom* é um grupo de fãs que interagem uns com os outros ativamente, compartilham de vários sentimentos quanto ao objeto de interesse e, de forma coletiva, produzem, consomem, ocupam espaços – antes apenas físicos, hoje principalmente digitais – em conjunto, também celebram as novidades e lamentam as más notícias; basta que um fã de algo exista para que um *fandom* surja, especialmente depois do ciberespaço<sup>1</sup> ampliar tanto as possibilidades de interações sociais.

Alguns vestem seus *fandoms* como identidades, partes formadoras das suas personalidades, outros têm o *fandom* como sua válvula de escape da realidade ou como um hobby, mas é inegável que o principal motor do *fandom* é aquilo que é comum a todos os seus participantes: o entusiasmo e a ânsia em fazer parte de um grupo para consumir mais daquela série, filme, cantor, jogo ou o que for. O resultado é a criação de comunidades, memes, vídeos, resenhas, *fanarts*<sup>2</sup>, ensaios, músicas e *fanfics*.

O contexto histórico da *fanfic*, como se conhece nos dias atuais, conta com três principais momentos e surge desse movimento de grandes comunidades de fãs, os *fandoms*. Em um primeiro momento, Jamison faz um breve estudo sobre a comunidade de Sherlock Holmes no final do século XIX e começo do século XX, declarando que “Sherlock Holmes praticamente começou a mídia de massas” (2017,

---

<sup>1</sup> Ciberespaço aqui aparece como um “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999. p. 15-16).

<sup>2</sup> Artes feitas por fãs contendo elementos da obra de interesse.

p. 52), sendo considerado pela autora como o primeiro *fandom* formal. Os contos de Arthur Conan Doyle foram alvo de inúmeras adaptações, paródias e, claro, *fanfics* – que, geralmente, eram cartas trocadas entre os fãs ou mesmo enviadas ao próprio Doyle – desde o momento em que ganharam popularidade.

Já o segundo momento seria protagonizado pelas *fanzines*<sup>3</sup>, que eram revistas independentes que se popularizaram no *fandom* de Star Trek (no Brasil, “Jornada nas Estrelas”) nas décadas de 1960 e 1970, quando estima-se que surgiu o termo *fanfiction* como é utilizado hoje em dia.

Em um terceiro momento, temos a ascensão das *fanfics* intrinsecamente ligada à popularização da internet. A partir dos anos 90, tornou-se possível encontrar com outros fãs em um espaço virtual sem haver a necessidade de qualquer deslocamento geográfico, bastava apenas acessar aos sites, fóruns e arquivos criados pelos diferentes *fandoms*. As *fanfics* tornaram-se acessíveis no mundo todo e, conforme o tempo foi passando, esse movimento apenas cresceu e se intensificou, impulsionado pelo surgimento de novas plataformas como blogs, sites próprios para *fanfics* e redes sociais. É difícil mensurar, de fato, o quanto a internet potencializou o movimento, pois deve-se levar em consideração essa forte característica de acessibilidade, volume e globalização do espaço cibernético, afinal,

[...] a internet passou a desempenhar o papel de instrumento de sociabilização e de divulgação da prática, possibilitando a multiplicação não apenas de seus participantes, mas dos temas que servem de base para ela, numa velocidade nunca antes experimentada (Vargas, 2005, p. 24).

Velocidade, esta, que faz com que três décadas de uso popular da internet e produção de *fanfics* pareçam insuficientes para a quantidade tão exorbitantemente vasta de obras publicadas, havendo narrativas de todo tipo de gênero, extensão, classificação etária e fazendo uso do universo ficcional de toda obra que se possa imaginar, havendo, também, um espaço para todos os tipos de usuários, entre autores e leitores.

Na atualidade, as *fanfics* são usualmente publicadas em *websites* voltados para essa finalidade, fazendo uso de um sistema de usuários e seguidores semelhante a diversas redes sociais. Qualquer usuário pode publicar ou ler ou ambos, ultrapassando as barreiras de leitor-autor, uma vez que os leitores têm

---

<sup>3</sup> Do inglês *fan*, “fã”, e *magazine*, “revista”.

contato direto com o autor de uma *fanfic* e outros usuários através de comentários, mensagens privadas e acesso às redes sociais, espaços onde são capazes de participar ativamente da construção da *fanfic* e de tudo o que permeia o universo em que ela foi estabelecida.

É importante considerar que *fanfic* é um tema tão recente no mundo e nos estudos acadêmicos que ainda há dúvidas e discordâncias sobre elementos conceituais do gênero. A começar pelo próprio “gênero”; um gênero literário? Textual? Digital? Em estudos sociológicos, *fanfic* não é sequer enquadrada em um gênero, mas sim considerada um “fenômeno” social. O fato é que ainda não há um consenso e o assunto é fortemente suscetível a flutuações conforme o tempo for passando e novas perspectivas forem surgindo.

Letícia Doneda (2016) trata de *fanfic* em sua tese como um gênero textual ao abordar suas características, estilo, composição e tema, enquanto Lucas Mariano de Jesus (2019) em sua dissertação faz uma articulação entre diferentes autores a fim de elucidar a *fanfic* como um gênero digital, trazendo a concepção de Miranda (2009), Piva (2015) e Clemente (2016) que

[...] defendem a ideia de que a fanfiction surgiu das interações contínuas dos fãs de ficção em salas de bate-papo, redes sociais *online* e plataformas responsáveis por armazenar narrativas de ficção. Portanto, para esses autores, esse gênero estaria no bojo dos gêneros digitais, como o e-mail, o blog e o fórum eletrônico, por exemplo, que pertencem à esfera digital [...] (Jesus, 2019, p. 23).

Os gêneros digitais mencionados contam com uma série de características em comum, como a presença de menus de navegação do site, *hiperlinks* que levam para páginas associadas ou semelhantes, acesso a comentários e perfis de outros usuários, entre outros. Além dessas características, em alguns sites de *fanfic* é comum que a página principal de uma publicação conte com elementos como: capa da história, sinopse, categorias ou gêneros, avisos, *tags* e links para diversas páginas associadas à *fanfic*, como perfil do autor, outras *fanfics* semelhantes, filtros por gêneros, comentários, recomendações, etc. Cabe destacar, também, que uma *fanfic* pode assumir inúmeras formas: um romance, uma carta, mensagens de texto, um poema, um perfil em uma rede social, entre outros.

Para uma *fanfic* ser considerada como um gênero textual ou literário, o olhar deveria ser restringido apenas ao texto, o que pode ser válido para estudos que

procurem uma especificidade maior a respeito da análise de uma *fanfic* em particular, mas a verdade é que é a interface da plataforma de publicação é indissociável da *fanfic*.

Um exemplo disso são as *tags* ainda há pouco mencionadas. Do inglês, “etiqueta”, *tags* são uma forma de classificação e identificação dos diferentes temas abordados em uma *fanfic*. *Tags* podem incluir, por exemplo, nome dos personagens envolvidos na história, quais os pares de relacionamentos presentes, os gêneros (ação, romance, mistério, etc) e quaisquer especificidades que o autor achar pertinente para agrupar ou separar de outras *fanfics*.

Porém, essa função classificatória é apenas uma das formas de interação com os outros usuários de uma mesma plataforma – como o Spirit Fanfics e o AO3, que mais tarde serão mais bem destrinchados –, havendo também um grande uso do espaço das *tags* apenas para fazer graça, colocando frases engraçadas, memes e referências a piadas internas do *fandom*. Por muitas vezes, nem mesmo a sinopse na página inicial da *fanfic* é tão importante quanto as *tags*, e a maioria dos leitores fazem questão de ler as *tags* de uma *fanfic* antes de qualquer coisa.

Assim, a interação com a interface de uma *fanfic* publicada faz parte da experiência tanto quanto o seu conteúdo, não há como separar uma coisa da outra, tornando-se necessária para analisar *fanfic* em sua plenitude como um gênero digital.

Para exemplificar, a *fanfic* Polaris<sup>4</sup> do AO3 foi selecionada para apresentar visualmente a disposição das informações mencionadas.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://archiveofourown.org/works/31864900/chapters/78895993> Acesso em: 17 jul. 2025

Figura 1 – Página da *fanfic* “Polaris”

**Polaris** by [Palm\\_Trees](#) 07 Sep 2021

原神 | Genshin Impact (Video Game)

**No Archive Warnings Apply**, [Beidou/Ningguang \(Genshin Impact\)](#), [Beidou \(Genshin Impact\)](#), [Ningguang \(Genshin Impact\)](#), [mild backstory spoilers](#), [a moderate dosage of creative liberty](#), [Liyue gang scattered here and there](#), [Mutual Pining](#), [Beidou centric](#), [slight canon complaint bc they have such rich lore but Mihoyo keeps us in the dark](#), [childhood to pre-canon](#)

Ningguang gently takes the top pelt and drapes it over her shoulders. Beidou watches as she tilts her head to the side, watches as eyes close and lips curve into a smile. Ningguang snuggles her cheek into the white fur, for a moment looking like she'd just been gifted a treasure instead of an accessory.

"Thank you, Beidou."

Or,

Four times Beidou gives a gift to Ningguang, and the first time Ningguang returns the sentiment.

Language: English Words: 19,404 Chapters: 5/5 Collections: 2 Comments: 65 Kudos: 1,003 Bookmarks: 164 Hits: 12,184

Fonte: AO3 ([2025])

“Polaris” é o título da *fanfic*, enquanto que seu autor é o usuário Palm\_Trees. Logo abaixo está “原神 | Genshin Impact (Video Game)”, que se trata de um jogo chinês lançado pela HoYoverse – antes chamada de MiHoYo.

Os quatro símbolos mostrados à esquerda do título se referem, respectivamente, à classificação etária (Teen And Up Audiences<sup>5</sup>), ao pairing principal (F/F), à presença de avisos do site (No Archive Warnings Apply<sup>6</sup>) e ao status de andamento da *fanfic* (Finalizado).

“Beidou/Ningguang (Genshin Impact)” se refere ao *ship*<sup>7</sup> entre as personagens Beidou e Ningguang, ambas personagens femininas, que são mencionadas nas duas *tags* seguintes como personagens que fazem parte da história.

“mild backstory spoilers” pode ser traduzido como “leves *spoilers* da trama”, que trata da história das personagens contadas através das missões principais e secundárias da história-base de Genshin Impact.

“a moderate dosage of creative liberty” seria “uma dose moderada de liberdade criativa”.

“Liyue gang scattered here and there” se traduz como “gangue de Liyue espalhada aqui e ali”, sendo Liyue uma nação fictícia parte do mundo de Genshin

<sup>5</sup> “Público adolescente e acima”, tradução nossa.

<sup>6</sup> “Não se aplicam avisos do Arquivo”, tradução nossa.

<sup>7</sup> *Ship* é uma abreviação de *relationship*, do inglês, “relacionamento”. No contexto do *fandom*, um *ship* se refere ao relacionamento entre personagens, geralmente de forma amorosa, como um casal ou alguém que os fãs gostariam muito que fossem um casal.

Impact e a “ganguê” apenas uma menção ao conjunto de personagens daquela nação.

“Mutual Pining”, entre as possíveis traduções para adequar o real significado, já vi como “Paixão Mútua”, visto que “Ânsia Mútua” não parece bem aceito entre a comunidade de fanfiqueros. Essa tag se refere ao constante e longínquo desejo que as personagens sentem uma pela outra de forma velada, sem explicitamente haver uma conversa sobre os sentimentos nutridos.

“Beidou centric” coloca a “Beidou como centro” da narrativa, direcionando o enfoque para essa personagem em específico.

“slight canon complaint bc they have such rich lore but Mihoyo keeps us in the dark” é, sem dúvida, a *tag* que mais fala sobre a motivação da escrita dessa *fanfic*. “leve reclamação sobre o *canon* porque elas têm uma história muito rica, mas a Mihoyo nos mantém no escuro” é muito clara sobre a profundidade não explorada pelo *canon* de Genshin Impact – cuja desenvolvedora e responsável pelas decisões criativas é a HoYoverse, antiga MiHoYo –, que por diversos motivos não aprofunda o suficiente as narrativas das personagens em questão, especialmente no que diz respeito ao relacionamento afetivo implícito entre as duas.

“childhood to pre-canon”, traduzido como “da infância ao *pré-canon*”, diz respeito ao período em que a história das personagens é tratada na *fanfic*, mencionando desde a infância até os momentos antes da história apresentada oficialmente pelo jogo Genshin Impact.

Logo após as *tags*, temos a sinopse da *fanfic* e, por fim, um conjunto de informações técnicas sobre, em ordem, o idioma, quantidade de palavras, quantidade de capítulos, a quantas coleções a *fanfic* pertence, quantos comentários possui, quantos *kudos* – uma forma de “curtir” a *fanfic* –, quantos *bookmarks* – uma forma de criar listas de *fanfics* para classificação pessoal do usuário – e quantos *hits* – as visualizações da *fanfic*.

## 2.2 FICWRITERS

Ao falar sobre quem escreve *fanfic*, nos deparamos com o *ficwriter*, um dos termos usados para designar um autor de uma *fanfic*. Entretanto, existem muitas questões a serem levantadas a respeito dessa autoria, dentre elas: o *ficwriter* é o que, afinal, se ele está escrevendo sobre algo que não é seu? Realmente pode ser

chamado de autor? Como a noção de autoria se encaixa na prática de escrita de *fanfics*? Além disso, quem está escrevendo essas *fanfics*? Como definir uma identidade autor-leitor em um contexto de anonimato e personas online?

É importante esclarecer, antes de qualquer coisa, que ao escrever *fanfic*, a finalidade não é assumir a pessoa do autor da obra original e se passar por ele, também não tem como finalidade plagiar, nem enganar o leitor e sequer ter fins lucrativos. É esperado que todos os envolvidos, entre *ficwriters* e leitores, saibam que aquilo se trata de uma criação que, como eram as *fanzines*, é feita “de fã para fã” (Neves, 2014, p. 87).

### 2.2.1 A questão da autoria

Pensar em autoria remete à longínqua discussão já estabelecida nos estudos literários e filosóficos sobre o que é um autor e qual é o seu papel, bem como quem pode ou não ser um autor. Nesse sentido, o *ficwriter* acaba por trazer diversas formas de colocar ainda mais questionamentos sobre essa autoria, com novos parâmetros diretamente ligados à internet e às novas formas de compartilhar os próprios escritos.

Para isso, é interessante destacar quais as principais características sobre a autoria na *fanfic*: não há barreiras entre autor e leitor, qualquer um pode ser um autor – o que é uma consequência direta da facilidade de acesso à internet e anonimato – e, na sua maioria, a autoria é uma construção coletiva.

Inicialmente, é necessário pensar no que já se estabeleceu sobre o que é um autor. Foucault, dentre as muitas definições propostas a respeito do autor, diz que “ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros” (Foucault, 1969, p. 273), assim como é o nome de usuário em um site de *fanfics* que tem todas as suas *fanfics* atribuídas ao seu perfil, existe uma noção classificatória, atribuindo determinados textos publicados a determinados perfis.

Por isso, apesar de ser plausível questionar a autoria do *ficwriter*, as *fanfics* que são escritas a partir de uma obra já existente, um universo que possui regras e personagens que não foram criadas pelo *ficwriter*, ainda sim são, em essência, textos escritos por alguém, esse alguém sendo diferente dos outros perfis que

escreveram outras coisas. Para mais, há *fanfics* que se apropriam da imagem e nomes dos personagens, mas elaboram uma história em nada relacionada com o que se tem na obra original.

Complementando a passagem, ainda em Foucault:

Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo ele ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer "isso foi escrito por tal pessoa", ou "tal pessoa é o autor disso", indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo *status* (Foucault, 1969, p. 273-274).

Entretanto, nas *fanfics*, há uma parcela de leitores que não necessariamente acompanham um usuário-autor em específico, mas sim uma *tag* ou um *ship*, ignorando quase totalmente a quem se atribui o processo de autoria daquela história. Importa quem escreve? É um fã como todos os outros fãs, é alguém que, talvez como o próprio leitor em questão, apenas escreve para fazer parte do *fandom* e extravasar a sua avalanche de pensamentos sobre aquela obra que ambos estão consumindo em conjunto. Há, sim, usuários que ficam em evidência e ganham um renome pelas suas obras, com “aquela *fanfic* que todo mundo conhece”, mas, ainda assim, não há *status* de um “indivíduo *ficwriter*” em relação ao público-leitor. Inclusive, *fanfics* sobre uma mesma obra podem ter elementos completamente opostos uma da outra e ainda sim coexistirem nesse espaço coletivo dos fãs, porque a autoria não é e não se propõe a ser a “palavra final”.

Essa autoria é deslocada do campo da autoridade não só na dinâmica autor-leitor, mas também em relação a quem pode ser “dono” do saber, com a autoria implicando em um ponto de origem do conhecimento, verdade primeira e uma condição para a totalização ou fechamento de sentido (Neves, 2014. p. 79). Alves aponta para a limitação do discurso autoral, definindo-o como

[...] uma produção, uma criação, um exercício de liberdade. Mas, claro, essa liberdade é limitada. Nem tudo é passível de ser dito, nem todos têm direito à palavra e aqueles que gozam desse privilégio são assimilados pela própria ordem que os investe desse poder (Alves, 2015, p. 90).

É extremamente necessário pensar naquelas que não têm esse direito, esse privilégio. São aqueles que são marginalizados pela sociedade, aqueles que não

têm acesso aos meios necessários para fazer sua palavra ser ouvida, aqueles que, inclusive, não se veem sequer representados em conteúdo (não apenas autoria) dentro do cânone literário e mídias *mainstream*. Conforme Roberto Reis:

Historicamente, a literatura (bem como as demais artes) tem sido um eficaz veículo de transmissão de cultura. A literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade. Ao olharmos para as obras canônicas da literatura ocidental percebemos de imediato a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário (Reis, 1992, p. 5).

A internet desafia esses ideais, pois nela as barreiras quase não existem em um geral, para o bem e para o mal. Basta ter acesso a um dispositivo e conexão com a internet e um mundo praticamente sem limites se abre diante do usuário. Acesso instantâneo à informação, comunidades, obras; na internet não é nem mesmo necessário revelar a própria identidade, uma pessoa pode ler, comentar e criar o que quiser, quando quiser, da forma que quiser<sup>8</sup>. Dessa forma, qualquer um pode ser um autor, qualquer um pode escrever *fanfic* e essas *fanfics* produzidas podem ser sobre qualquer coisa, seja um tema normativo ou marginal, afinal, “a emergência do autor moderno está ligada a uma mudança no regime de poder, com novos objetos, noções, sujeitos e funções” (Alves, 2015, p. 92).

Outro aspecto importante a respeito das *fanfics* é a coletividade envolvida em suas produções. De acordo com Neves, a obra na internet

[...] torna-se construção, obra processo, obra metamórfica, conectada e atravessada, indefinidamente e co-construída, dispersa o autor e torna-se um bem do coletivo, de autoria do coletivo que, também, se constrói no próprio espaço aberto, não totalizante como uma das condições para a existência e manutenção da cibercultura (Neves, 2014. p. 79).

Isso é especialmente verdade com a *fanfic* e o *fandom*. É tão difícil pensar em *fanfic* sem *fandom*, quanto é difícil pensar em *fandom* sem *fanfic* – um é consequência do outro. São reações espontâneas: quanto mais um *fandom* cresce, maior é a produção de, entre tantos outros conteúdos, *fanfics*. Como já mencionado anteriormente, o entusiasmo e a ânsia em fazer parte de um grupo para consumir

---

<sup>8</sup> Vale destacar que isso é tão positivo quanto negativo. Enquanto vozes marginalizadas podem encontrar um lugar seguro e comunidades saudáveis sejam formadas, discursos de ódio também podem ser propagados e permanecer impunes, mesmo havendo formas de moderação de conteúdo em diversos sites com o objetivo de impedir que esses discursos sejam mantidos nas plataformas.

mais do objeto de interesse são os motores do *fandom*, e a acessibilidade da internet dá espaço para todo fã participar como preferir das atividades do seu *fandom*. Em uma multidão de pessoas, é inevitável que os fãs busquem uma alternativa para se incluir diretamente na construção do seu objeto de interesse, ainda mais quando há uma parcela grande de fãs que são tão pouco representados na mídia *mainstream* e cânone literário.

A coletividade pode ser exemplificada, também, por Barthes, em seu texto “A morte do autor” (1988), que propõe exatamente o que o título sugere: o autor morre a partir do momento que o leitor lê a sua obra, tendo a sua significação atribuída por esse público-leitor. Logo, os autores das obras originais das quais se baseiam as *fanfics* morreram quando o leitor, ou espectador, a consumiu e o seu processo de significação atravessou os *fandoms* com suas discussões, análises e interpretações, eventualmente resultando em uma *fanfic* que, agora, também deixa seu autor morrer para cair nas mãos dos leitores que darão continuidade a esse ciclo.

Esse ciclo se repete incontáveis vezes, podendo criar um imaginário dos fãs sobre os personagens e mundos que tanto admiram, construindo em conjunto um chamado *fanon*: quando ideias, história e regras do mundo fictício, personagens completamente novos ou características e comportamentos específicos dos personagens existentes, entre outros, acabam se canonizando dentro do *fandom*, atravessando de forma consistente *fanfics* diferentes, embora nunca estivessem presentes daquela maneira nas obras originais às quais se referem – chamado pelo *fandom* de *canon*.

### **2.2.2 Quem são os *ficwriters*?**

Logo de início, deve-se ressaltar que é extremamente difícil delimitar qualquer tipo de dado demográfico, visto que os usuários das plataformas onde são publicadas as *fanfics* são em sua maioria anônimos, sem formas efetivas de confirmação de identidade. Assim, como se pode definir quem são as pessoas que estão escrevendo *fanfics*?

Isso se torna particularmente complicado quanto à identidade de gênero e sexualidade. Nesse sentido, Jamison destaca que “Na internet, gênero está longe de ser transparente da forma que nós acreditamos (equivocadamente) que ele seria no

mundo offline” (2013, p. 33). Nem toda plataforma pede para o usuário especificar o seu gênero, bem como não é nem um pouco comum, nem esperado que se peça qualquer informação de orientação sexual. Um recorte etário também é controverso, visto que mentir a própria idade é uma prática muito comum na internet, principalmente ao considerar que grande parte das publicações de *fanfic* são marcadas como conteúdo adulto, e algumas plataformas barram ou dificultam o acesso de um usuário que não tenha atingido a maioridade.

Dessa forma, conto com parte da minha experiência pessoal com a produção e consumo de *fanfics* para afirmar que a maioria da comunidade fanfiqueira é composta por mulheres, com respaldo de Neves (2014), ao dizer que “Um fator importante que deve ser levado em consideração é o fato de que estatisticamente o público feminino ser bem maior, tanto de leitoras quanto de escritoras [...]”; e Jamison (2017), que não apenas traz a presença feminina como predominante, mas enfatiza o espaço das *fanfics* como uma alternativa em comparação com outras mídias que não dão o devido espaço às mulheres:

[...] é importante que na fanfiction as mulheres estejam dominando. Onde mais isso é verdade? Hoje, menos de 30% dos roteiristas de televisão são mulheres; no cinema, esse número cai para menos de 20%. Diretoras indicadas ao Oscar? Quatro. [...] As mulheres dominam na área de livros românticos (às vezes, no próprio romance também) — só para ter suas conquistas zombadas ou ignoradas pela cultura literária mais ampla [...] Resumindo, tais números significam que há uma grande variedade de mulheres talentosas das quais nem ouvimos falar. Muitas destas mulheres estão escrevendo fic (Jamison, 2017, p. 33).

Entretanto, essas mulheres que escrevem *fanfics* fazem parte, em sua maioria, da comunidade *queer*, e também há pessoas *queer* que não fazem parte dessa maioria de mulheres cisgênero escrevendo *fanfics*, exibindo mais uma faceta da *fanfic* como alternativa a essas mídias mencionadas por Jamison dominadas por homens e cisheteronormatividade – norma social que assume a cisgeneridade e heterossexualidade como padrão e regra para os sujeitos.

*Queer*, aqui, entende-se como um termo que diz respeito ao “[...] sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags” (Louro, 2004, p. 7), ou seja, tudo o que é dissidente dessa cisheteronormatividade mencioanda. Originalmente, o termo em inglês significava algo entre “estranho, peculiar e esquisito”, e era utilizado como uma forma pejorativa de se referir a esses indivíduos desviantes. Com o tempo, a comunidade LGBTQIAP+ se empoderou do e

reassignificou o que é ser uma pessoa *queer*, sendo, ainda de acordo com Louro, “um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entrelugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.”

Uma pesquisa feita em 2023 com cerca de 5 mil usuários do site AO3 por Lauren Rouse e Mel Stanfill, pela Universidade da Flórida Central, indica números interessantes sobre gênero e sexualidade. Cerca de 53% das respostas contam com pessoas se identificando como mulheres cisgênero e 5% como homens cisgênero, havendo um expressivo número próximo a 42% de pessoas trans. No que tange à sexualidade, percebe-se uma presença ainda mais marcante de pessoas *queer*, visto que 86% das respostas se referem a sexualidades diferentes de heterossexual.

Outra pesquisa realizada como parte da dissertação de Lindsay Mixer em 2017 apresenta dados semelhantes, com resultados recolhidos entre AO3 e Tumblr<sup>9</sup>. Das 1346 respostas recebidas sobre sexualidade, a heterossexualidade conta com apenas 17% das respostas, enquanto que das 681 pessoas que responderam sobre suas identidades de gênero, 32% são trans.

As pesquisas são, como toda pesquisa, apenas um recorte, mas servem de exemplo do público autor-leitor que participa ativamente das comunidades de *fanfics*. Além disso, outras pesquisas com recortes menores em redes sociais já foram feitas e exibem resultados semelhantes, e, ainda que esse dado seja de teor anedótico, nas comunidades de fãs que participei ao longo da adolescência e vida adulta, os fanfiqueiros costumavam ter o mesmo perfil: mulheres e *queers* ou, ainda, mulheres *queers*.

### 3A FANFIC COMO REFÚGIO

Como é possível que o perfil das *fanfics* e *ficwriters* seja tão desproporcional ao que está presente no cânone literário e nas mídias populares no que tange à representação *queer*? É terrivelmente simples: é a desproporcionalidade que faz a *fanfic* crescer tanto naquilo que é negado ao fã. O cânone literário é restrito, e a mídia *mainstream*, que “significa literalmente ‘dominante’ ou ‘grande público’, sendo usada em geral para se referir a um meio de comunicação, um programa de

---

<sup>9</sup> Tumblr é uma rede social que adota o formato de blog, onde os usuários podem publicar textos, imagens, vídeos, áudios e outros.

televisão ou um produto cultural que vise um público amplo” (MARTEL, 2012, p. 20), é feita para ser acessível, comercial, formatada e uniformizada. (MARTEL, 2012, p. 21) A mídia *mainstream* não corre riscos e, tragicamente, jogar seguro é entrar no jogo da cisheteronormatividade – menos polêmicas, mais vendas.

A representatividade acontece quando as pessoas veem suas identidades, histórias e perspectivas retratadas de maneira autêntica e positiva na literatura, na mídia e em outras esferas culturais, fazendo com que se sintam legitimadas e valorizadas. Essa mesma representatividade é crucial para garantir que as narrativas reflitam a multiplicidade de vivências, oferecendo aos leitores a oportunidade de se conectar com personagens e histórias que espelham suas próprias vidas e desafios.

Assim, a relevância da *fanfic* se dá por ser um importante fenômeno literário-social que causa grande impacto na forma com a qual as pessoas se relacionam no ciberespaço e com a literatura. Através dessa oportunidade criada pela tecnologia da informação, há mais espaço para a representatividade através da internet, que possibilitou um ambiente plural em seus usuários e publicações, tornando a *fanfic* um ambiente aberto a todo tipo de produção. Com isso, dentre outras finalidades, as pessoas encontraram na *fanfic* um refúgio para explorar suas próprias identidades e sexualidades, visto que é na *fanfic* que as muitas pessoas que não se identificam com as normas e expectativas do cânone literário tradicional encontram um lugar legítimo de autoria, assim como apontado por Neves:

Nesse espaço social-cibernético, pode-se notar que o hibridismo cultural contribui para a reinvenção da literatura, ou pelo menos, para uma nova concepção de literatura, pois se torna possível pensá-la não apenas fora do papel, mas também, principalmente, fora do cânone, fora da voz institucionalizada (Neves, 2014, p. 82).

A partir da necessidade não suprida pelo cânone, surge a criação de *fanfics* abordando temas que são marginalizados na literatura, como protagonismo feminino, representação LGBTQIAP+ e um erotismo que foge à moralidade normativa.

Essa segurança acabou por fazer com que haja muito sexo em *fanfics*. Como uma das colaboradoras do livro de Jamison diz: “apesar de existir muita fic que pode ser lida por crianças, também há sexo, sexo, *muito* sexo.” (Fries, 2017, p. 61) E a parte mais importante: após analisar a demografia dos fanfiqueros, é fácil

ver que esse sexo não é aquele escrito por homens heterossexuais e cisgênero, mas sim por pessoas que são dissidentes em termos de gênero e sexualidade.

Tudo o que foge à típica objetificação do corpo feminino em prol do prazer masculino está nas *fanfics*, entre homoerotismo, fetiches, interesses sexuais muito particulares, extensas e detalhadas descrições das práticas mais comuns às mais desviantes, tudo que é possível imaginar: há uma *fanfic* disso. E se ainda não tem uma *fanfic* sobre isso, muito provavelmente alguém vai procurar pelo tema, não encontrar e, então, escrevê-la, para que assim a pessoa seguinte que pensar na mesma coisa possa se deparar com tal *fanfic* e encontrar refúgio em outra mente que pensou na mesma coisa. Ainda mencionando a colaboração de Fries, exemplificando como é no *fandom* de Sherlock Holmes:

Não há nenhum pequeno lugar solitário sem amor na *fandom* de *Sherlock*. Você tem um fetiche por um homem magro de salto alto, talvez usando um terno feito à mão, andando ao redor de uma cena de crime? Este *fandom* cuida de você. Quer ver aquela mesma criatura atraente em meias 7/8 e calcinha indecente? Aqui está. Talvez você sinta tesão por diferenças de altura, chicotes de montaria, uniforme de exército, dragões? Talvez você tenha uma queda por sexo em público, sexo lento, sexo rápido, sexo silencioso, sexo escandaloso? Você gosta de falar sacanagem, chuva dourada, comidas deliciosas? Tem um app para isso – bem, tem dezenas de *fanfictions* para isso (Fries, 2017, p. 62).

A *fanfic* proporciona um sentimento imenso de “não ser o único”. O *fanfiquero* não é mais uma aberração ou um desviado por ter pensamentos, curiosidades e desejos a respeito de diferentes formas de explorar a própria sexualidade, pois na comunidade de *fanfic* tem outros como ele, com personagens como ele. Apenas por ler e escrever os maiores absurdos possíveis do ponto de vista restrito da moral normativa, a comunidade de *fanfic* acolhe, aceita e se mostra livre de julgamentos pela exploração de tais práticas.

É importante lembrar, também, que na publicação de *fanfics* não há fins lucrativos, logo não há por que escrever algo apenas para agradar ao público. O *ficwriter* não vai “vender menos” por retratar um fetiche impopular, nem vai ser rejeitado publicamente por sua moral desviante – a *fanfic* não é para as massas, é para o próprio *ficwriter* ou, quando muito, para o seu *fandom*.

Apesar disso, um dos temas mais comuns nas *fanfics* é o romance sentimental, que é alvo de grande popularidade e vendas dentro da literatura de massa. Romance sentimental, aqui, definido como “histórias de amor que destacam

os estados emocionais e os conflitos internos das personagens muito mais do que as suas ações externas” (Andrade; Silva, 2013, p. 50) – não o romance como gênero literário, nem relacionado ao movimento literário do Romantismo. A *fanfic* investe muito em histórias que contemplam a variedade dos sentimentos e relacionamentos humanos, de forma que haja uma infinidade de *fanfics* com o romance como tema central.

Mesmo sendo de alta popularidade, o romance de amor acaba sendo amplamente excluído da crítica literária e do cânone, especialmente por se tratar de um dos gêneros com a maior parcela de autoria e leitura feminina e por ser considerada uma narrativa “repleta de clichês, sem originalidade de estilo, com enredos previsíveis, pouco recorrendo a estruturas de raciocínio mais complexas” (Andrade; Silva, 2013, p. 51). Jamison, em contrapartida, parece propor que a *fanfic* também é capaz de inovações, usando o *fandom* de Sherlock Holmes como exemplo novamente:

Meu objetivo principal aqui, no entanto, é mostrar como as *fics* de *Sherlock* que centram nos relacionamentos românticos e sexualizados também exploram inovações nos territórios narrativo, representacional e psicológico. Estas *fics* servem para nos lembrar que histórias românticas, majoritariamente ignoradas pela grande crítica e ridicularizada por autores literários, podem ser literárias na sua forma narrativa e incluir uma ampla variedade de tópicos e motivações, assim como trabalhos de conteúdo erótico (Jamison, 2017, p. 67).

As histórias de amor retratadas na *fanfic* são permeadas por tramas psicológicas, trágicas, engraçadas, de ação, fantasia ou, realmente, qualquer outra coisa que o *ficwriter* decidir explorar. E nessas possibilidades de exploração dos mais diversos temas, entram também os temas que subvertem o próprio gênero do romance sentimental, que é, mais uma vez, dominado por relacionamentos cisheteronormativos. Jamison, sobre Sherlock Holmes, destaca não só a questão *queer* no campo da representação na *fanfic*, mas também

[...] o romance atípico, explorando as possibilidades de amor como seria experimentado por deficiências neurológicas ou físicas, doença mental (*sic*), vícios, assim como através de gradações de assexualidade, bissexualidade, demissexualidade e outras formas de não heterossexualidade (Jamison, 2017, p. 67).

Saúde mental é mais um tema recorrente que, geralmente, não é tratado com a sensibilidade necessária em mídias *mainstream* e pode se manifestar nas mãos do *ficwriter*. Jamison, mais uma vez, evidencia a variedade proposta pela *fanfic* e relação com o que é passível de atenção das massas e também da crítica literária:

Estas formas diferentes também não são apresentadas simplesmente como mecanismos de avanço do enredo ou do personagem. São exploradas, às vezes de forma chocante, por suas possibilidades românticas, eróticas e estilísticas – com uma complexidade, ritmo e nuances que seriam difíceis de colocar no mercado editorial comercial, mas que provavelmente, por seu gênero literário, seriam excluídos do mundo editorial literário também (Jamison, 2017, p. 67).

Quando vozes marginalizadas encontram espaço para compartilhar suas vivências que são apagadas da representação na mídia, é quase inevitável que suas vulnerabilidades e sofrimentos estejam intrincadas nas narrativas escritas, afinal, ser diferente da norma é, geralmente, acompanhado de ansiedades e autorreflexões. Reflexões, estas, que também são rejeitadas pelas grandes mídias, fazendo com que não haja espaço tão cheio de pessoas igualmente marginalizadas quanto a internet com a sua vastidão de experiências, sendo a *fanfic* uma das formas mais acolhedoras de compartilhar interesses em comum atravessados por vivências semelhantes.

#### **4 EXPLORANDO OS PRINCIPAIS TEMAS ABORDADOS**

Para visualizar com mais clareza o panorama de publicação de *fanfics*, no presente capítulo será realizado um levantamento de dados a partir dos sites Archive of Our Own (AO3) – para um panorama internacional – e Spirit Fanfics – para um panorama nacional.

Os dados serão extraídos a partir das categorias definidas pelos próprios sites e usuários, especialmente através das *tags*, ou “etiquetas”. O recorte da amostra do AO3 será com base na classificação por *pairing* – as combinações de personagens principais, geralmente se referindo a *ships* –, enquanto que no Spirit Fanfics serão selecionadas as 60 primeiras *tags* e 15 primeiras categorias de gênero de histórias por ordem de quantidade de *fanfics* produzidas. Após a coleta dos

dados necessários, as informações serão organizadas de forma a discernir quais os temas mais populares na produção das fanfics nos dois sites.

Será, por fim, articulado o resultado da análise dos dados com as questões previamente levantadas a respeito da abordagem de temas marginalizados pela literatura canônica.

#### 4.1 AO3

O Archive of Our Own, mais conhecido como AO3, é um site feito “de fã, para fã” para publicação de *fanfics* criado em 2008 pela Organization for Transformative Works (OTW), uma organização sem fins lucrativos que visa conceder acesso e preservar a história de publicações feitas por fãs. O AO3, juntamente com o FanFiction.net, é um dos maiores sites de *fanfics* do mundo na atualidade, com um vasto número de histórias em diversos *fandoms* diferentes.

Existem 6 categorias de obras no AO3 e os dados aqui coletados partem dessa separação feita pelo site entre as seguintes categorias de *pairings*: M/M, F/M, F/F, Gen, Multi e Other. As definições exatas dos termo variam de *fandom* para *fandom* e de fã para fã, mas é possível traçar um significado mais difundido para cada um. Primeiramente, para compreender M/M, F/M e F/F, deve-se recorrer às suas origens como *slash* (do inglês, “barra”), que, de acordo com Jenkins,

[...] refere-se à convenção de colocar um risco ou uma “barra” (“slash”) para representar relacionamentos do mesmo sexo entre dois persoangens (Kirk/Spock ou K/S) e especifica um gênero de histórias de fãs que postam casos homoeróticos entre protagonistas de séries (Jenkins, 1992, p. 192, tradução nossa).

O *slash* tem sua origem com os personagens de Star Trek, Kirk e Spock, no início da década de 70, quando as *fanfics* publicadas em *fanzines* exploravam o fenômeno de *shipar* Kirk/Spock. O termo *shipar* ainda não era usado na época, tendo sua utilização atribuída ao período dos *fandoms* na internet. *Shipar* é o desejo, interpretação e/ou análise de personagens específicos formando um casal, um *ship*, mesmo que não seja canônico na obra original. Entende-se interpretação, aqui, como uma forma mais passiva de compreensão das ações dos personagens, enquanto que a análise é uma busca mais ativa dos sinais e subtextos compartilhados pelos personagens em questão.

A *tag* M/M faz referência ao *slash*, sendo “Male ‘slash’ Male”, do inglês “Homem ‘barra’ Homem” e representa tanto relacionamentos amorosos quanto sexuais entre personagens masculinos. Posteriormente, o *femslash* seria criado como uma derivação do *slash*, representado nas *tags* da tabela como F/F, “Female/Female”, ou “Mulher/Mulher”. Eventualmente, o *slash* derivou também para relacionamentos heterossexuais entre Mulher/Homem, ou “Female/Male”, criando, assim, a categoria F/M.

Gen, abreviação do inglês “General” (“Geral”), é usada para designar *fanfics* sem relacionamentos românticos ou sexuais, ou relacionamentos que não sejam o foco principal do trabalho. A *tag* Multi compreende mais de um tipo de relacionamento ou um relacionamento com vários parceiros. Já a categoria Other (do inglês, “Outro”) inclui qualquer outra forma de identidade de gênero que não corresponda às restritivas categorias de gênero estabelecidas.

A seguinte tabela relaciona as *tags* mencionadas com a quantidade de *fanfics* publicadas no AO3 até junho de 2025, possibilitando uma análise sobre a popularidade de *pairings queer* e também sobre a diferença de popularidade entre as *tags*.

Tabela 1 – *Fanfics* no AO3 por categoria de *pairing*

<i>Tag (pairing)</i>	Quantidade aproximada de <i>fanfics</i>	%
M/M	7.175.471	43,76%
F/M	3.618.695	22,07%
Gen	2.804.319	17,10%
F/F	1.415.335	8,63%
Multi	787.848	4,80%
Other	595.432	3,63%
Total	16.397.100	100%

Fonte: Adaptado de AO3 ([2025]).

Dentre as categorias apresentadas, a predominância de *fanfics queer* é evidente, e todas as *tags*, sem exceção, podem apresentar experiências *queer* em algum nível. M/M, F/F e Other indiscutivelmente abordam questões *queer*, seja com

sexualidades ou identidades de gênero dissidentes, compondo 56% das *fanfics* que foram categorizadas por *pairing*.

Já as outras categorias ocupam um espaço de ambivalência quanto às experiências vividas pelos personagens. Em Gen, que aborda relacionamentos platônicos, ainda existem *fanfics* que tratam de experiências *queer* individuais, como questionamentos sobre a própria sexualidade e identidade, uma vez que não é necessário estar em um relacionamento para ser *queer*. Além disso, dentro de relacionamentos platônicos, é comum que sejam abordadas a assexualidade e a aromanticidade, que também são expressões *queer* válidas e sub-representadas. F/M a princípio pode parecer pouco ambígua, mas é um grande equívoco ter a cisheterossexualidade como regra nessa categoria, visto que a bissexualidade e transgeneridade ainda podem ser presentes nas narrativas F/M. Por fim, Multi traz uma pluralidade de possibilidades, pois uma *fanfic* com essa *tag* pode retratar múltiplos *pairings* F/M, M/M e F/F, bem como incluir um personagem de qualquer sexualidade com múltiplos parceiros. A heterossexualidade não é um pressuposto, mais uma vez.

Ainda assim, o fato de sequer haver ambiguidade em mais da metade das publicações reforça a *fanfic* como esse refúgio para os grupos sub-representados no cânone literário e mídias *mainstream*, ainda que haja uma disparidade entre as *tags*; M/M tem quase que o dobro de F/M, enquanto que é cinco vezes maior que F/F. Outro dado curioso é como apenas 17% das *fanfics* não são protagonizadas por relacionamentos amorosos ou sexuais, reforçando a presença do romance como tema central das *fanfics*.

## 4.2 SPIRIT FANFIC

O Spirit Fanfics nem sempre foi chamado assim ou sequer teve enfoque em *fanfics*. Criado em 2001, seu objetivo era servir de espaço para criar uma comunidade de fãs de animes, mangás e jogos e atendia pelo nome de Amnsp. Dois anos depois, seu nome foi alterado para AnimeSpirit, rebatizado para Spirit em 2013 e, enfim, por volta de 2016, tornou-se conhecido por Spirit Fanfics.

É importante compreender que sua trajetória como uma rede social era voltada para o público amante de animação japonesa, de mangás e jogos, transformando-se com o tempo em uma plataforma centrada na publicação de

*fanfics*, logo parte do seu vocabulário carrega particularidades do linguajar *otaku*. Não só isso, como também os *fandoms* de música pop sul-coreana (K-pop) acabaram por se juntar no site e estabelecer suas próprias definições de *tags*, contribuindo com uma grande quantidade de RPF, do inglês, *Real People Fiction* – ficção de pessoas reais. Esse percurso também dá maior ênfase para a indissociação da *fanfic* da sua comunidade, visto que transicionar para a publicação intensa de *fanfics* foi quase como uma reação espontânea dos *fandoms* reunidos no site.

Para análise, separei os 12 gêneros (como categoria de narrativa, termo usado pelo próprio Spirit Fanfics) com mais *fanfics* publicadas. Os valores são aproximados, calculados a partir da quantidade de *fanfics* por página vezes o número de páginas, e a navegação entre as páginas teve que ser feita e comparada individualmente para registrar o número de páginas de cada gênero, pois o site não fornece uma visão geral de tais informações. Vale destacar que os gêneros se interseccionam, logo, a soma de todas as categorias não representa um valor total de *fanfics* publicadas no site.

Tabela 2 – 12 gêneros com mais *fanfics* no Spirit Fanfics

Gênero	Quantidade aproximada de <i>fanfics</i>
Drama/Tragédia	537.010
Romântico/Shoujo <sup>10</sup>	489.790
Comédia	430.030
Gay/Boys Love <sup>11</sup>	412.060
Ficção Adolescente	366.860
Ação	332.940
Universo Alternativo	326.810
Ficção	319,770
Aventura	304.980
LGBTQIAPN+	293.140

<sup>10</sup> Shoujo é uma categoria demográfica de animes e mangás com público alvo de meninas adolescentes e jovens mulheres. Retrata em sua maioria relacionamentos românticos como tema principal.

<sup>11</sup> Boys Love: romance entre garotos. Também conhecido como Yaoi, M/M ou *slash*.

Policial	265.990
Literatura Adulta	248.900

Fonte: Adaptado de Spirit Fanfics (c2025).

Dentre os valores apresentados, destaca-se a presença de Drama/Tragédia e de Romance/Shoujo no topo, que, por acaso – ou não – são os gêneros que acabam por mais englobar todos os outros gêneros, em especial Ficção Adolescente, Comédia, Literatura Adulta, Gay/Boys Love e LGBTQIAPN+. O Universo Alternativo se refere a versões diferentes dos personagens de uma determinada obra ou pessoa real deslocadas para o mundo daquela *fanfic* em específico, o que torna outro gênero bastante abrangente com capacidade de interseccionar com outros.

Enquanto os gêneros mencionados apontam para esse caráter romântico e psicológico das *fanfics*, os de mais como Policial, Ação, Aventura e Ficção dizem respeito ao caráter mais fantasioso da *fanfic*, especialmente quando se trata de *fanfics* baseadas em animes e mangás, jogos, livros ou outras formas de aventuras fantásticas e investigativas.

É curioso observar que mesmo dentro das *fanfics*, apesar do tema *queer* ser bastante presente, existem gêneros mais publicados que outros no Spirit Também, como é observado em como Gay/Boys Love tem cerca de 412.060, enquanto que Lésbica/Girls Love<sup>12</sup> – que nem sequer entrou na lista dos 12 gêneros com mais *fanfics* – possui cerca de 151.280, que equivale a apenas 35% do total presente apenas em Gay/Boys Love. O site, porém, não permite filtrar por *pairing* assim como o AO3, e a classificação de Romance/Shoujo não remete a heterossexualidade no contexto atual do site, apesar da origem do Shoujo, especificamente, possuir uma forte inclinação a retratar romances entre garotos e garotas heterossexuais. Assim, não existe um gênero específico para representar *pairings* F/M, como é o caso do AO3.

#### 4.3 CONCLUSÕES A PARTIR DOS DADOS

<sup>12</sup> Girls Love: romance entre garotas. Também conhecido como Yuri ou F/F ou *femslash*.

A presença de *fanfics queer* em ambos os sites é notável, reiterando a *fanfic* como um espaço seguro de representatividade LGBTQIAP+, ao contrário de outras mídias difundidas na sociedade. A representação de relacionamentos amorosos e sexuais se mostra constante e predominante, também, caracterizando a *fanfic* como esse local de contemplação dos sentimentos e sexualidade humana. Entretanto, há um ponto intrigante que ocorre de forma muito parecida tanto no AO3, quanto no Spirit Fanfics: uma grande representatividade gay desproporcional à sub-representatividade lésbica.

Como que apesar da maioria da autoria ser representada por mulheres, há tanta produção de *slash*? Sim, ainda há uma grande parcela de pessoas *queer* apenas explorando o tema *queer* com seus personagens favoritos, mas é intrigante como o *slash* é atrelado principalmente à autoria feminina, ainda que se trate de personagens masculinos se relacionando entre si. Jamison propõe, ao explorar o início de *slash* com Kirk/Spock, que:

Um relato comum da evolução de slash explica que as fãs mulheres queriam explorar as possibilidades de uma relação romântica ou sexual no contexto de um relacionamento complexo e de longo prazo entre iguais: uma estrutura que a cultura mainstream não oferecia em lugar nenhum e certamente não em *Jornada nas Estrelas* (Jamison, 2017, p. 95)

Ou seja, a representação de relacionamentos amorosos e sexuais entre homens e mulheres era carregada de disparidades entre os personagens, com papéis de gênero reforçados pelo machismo e misoginia. Dificilmente um relacionamento entre homem e mulher era devidamente representado de forma saudável, equilibrada e profunda, então recorreu-se a relacionamentos entre dois homens para tentar explorar uma relação mais igualitária. Isso, é claro, não funciona para todo *slash*, pois o machismo ainda assim pode transformar uma relação entre “iguais” em uma disputa de poder baseada no gênero, quando um homem ocupa um local inferior por ter “traços mais femininos” que o outro. A justificativa tem sua fundamentação, mas falhou na execução por conta do patriarcado enraizado nas relações *queer*.

Outra proposição, trazida por Jenkins, articula a questão do desejo e fantasia dessa autoria feminina de *fanfic*, afirmando que “Tanto fãs quanto acadêmicos caracterizam o slash como uma projeção de fantasias, desejos e experiências sexuais femininas nos corpos masculinos dos personagens das séries”

(Jenkins, 1992, p. 197, tradução nossa). Mas o motivo pode, na verdade, ir além disso. As mulheres são privadas de explorar sua própria sexualidade desde jovens até a idade adulta, com incontáveis restrições e regras sobre o que é um comportamento adequado ou não de se seguir enquanto corpo feminino. Talvez escrever *slash* seja uma forma de projetar, sim, suas fantasias e desejos, mas não só pelo corpo masculino, e sim por um afastamento do próprio corpo, que é tão proibido de ter experiências sexuais diversas, ao contrário do personagem masculino com um corpo livre das amarras do puritanismo.

O que acontece é que todas essas suposições podem ter, na verdade, derivado de um fato que contribui de forma bastante lógica para o volume de relações entre homens nas *fanfics*: as mulheres são sub-representadas como personagens na maioria das mídias. De acordo com Lauzen (2024), no ano de 2023,

77% dos filmes apresentaram mais personagens masculinos do que femininos em papéis com falas. Apenas 18% dos filmes tiveram mais personagens femininos do que masculinos, e 5% dos filmes apresentaram números iguais de personagens femininos e masculinos (Lauzen, 2024, p. 1, tradução nossa).

Quando o protagonismo masculino predomina e mulheres são minoria no elenco, numericamente falando, as possibilidades de M/M são muito maiores, seguidas por F/M e, por último, F/F. Quando não há personagens mulheres bem escritas, com relacionamentos desenvolvidos de amor ou amizade, com tempo de tela ou presença em páginas, para onde mais se pode correr além de uma representação excessiva de personagens masculinos? E na falta de bons personagens *queer*, representa-se quem está lá – os homens – da forma dissidente que cabe nas mãos do *ficwriter*.

## 5 CONCLUSÃO

Enquanto o cânone literário e as mídias *mainstream* seguem dominados por homens cisheterossexuais, a obra na internet é coletiva, ancorada no anonimato e na possibilidade de qualquer um ser um autor e escrever sobre qualquer coisa, o que proporciona novos parâmetros para a noção de autoria, e isso se reflete no *ficwriter* também – a *fanfic* se torna um espaço de empoderamento para as vozes que são marginalizadas.

Em contrapartida, a escrita e o consumo de *fanfics* se mostram dominados por mulheres e *queers*, retratando principalmente histórias de personagens que, nesse espaço, tem suas expressões de sexualidade e identidade transformadas, visto que a sub-representação de relacionamentos *queer* bem escritos gera uma necessidade imensa nos fãs de completarem essa lacuna, enquanto que a sub-representação de personagens femininas resultou em uma curiosa maioria de *fanfics slash*.

Com esse trabalho, fica evidente que a *fanfic* parte, principalmente, do “querer fazer parte” e do “querer mais”. Os fanfiqueros querem participar ativamente do *fandom* do qual fazem parte e querem sempre mais: mais conteúdo, mais episódios, mais livros, mais daquele personagem, mais daquele mundo, mais interação e, ao analisar quem está escrevendo e sobre o que está escrevendo, fica claro que querem, acima de tudo, mais representatividade e mais complexidade; os fãs querem se ver mais nos personagens que tanto admiram. O que o mercado nos nega, a *fanfic* acolhe.

## REFERÊNCIAS

ARCHIVE OF OUR OWN (AO3). **Tags**. [S. l.], [2025]. Disponível em: <https://archiveofourown.org/tags>. Acesso em: 5 jun. 2025.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. O consumo de romances e o universo feminino: as práticas de leitura dos livros do coração. **Interin**, Curitiba, v. 15, n. 1, enero-junio, 2013, pp. 50-63. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450768005>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. *In*: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARVALHO, Larissa Camacho. **Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade: jovens e fanfictions**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56394>. Acesso em: 6 ago. 2024.

DONEDA, Letia. **O gênero textual Fanfic**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Língua Inglesa) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2016.

HELLEKSON, Karen; BUSSE, Kristina (ed.). **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**: New Essays. Jefferson: McFarland & Company, 2006. 296 p.

IZABELA, Júlia de França Leme. **LGBTQ+ Fanfiction of the Marvel Universe: A global phenomenon and its impacts on representativity**. 2020. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) (Bacharelado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

JAMISON, Anne. **Fic**: Por que a fanfiction está dominando o mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. 400 p.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers**: Television Fans and Participatory Culture. Nova York: Routledge, 1992. 424 p.

JESUS, Lucas Mariano de. **Do fandom para a sala de aula**: Uma proposta de escrita colaborativa envolvendo *fanfictions*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

KAMITA, Rosana Cássia. Histórico sobre o Feminismo. *In*: KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e Ressonâncias**: Mariana Coelho. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

KAMITA, Rosana Cássia. Mulher e Literatura: uma relação tão delicada. *In*: KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e Ressonâncias**: Mariana Coelho. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

LAUZEN, Martha M. **It's a Man's (Celluloid) World**: Portrayals of Female Characters in the Top Grossing U.S. Films of 2023. [S. l.], c2024. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2024/02/2023-Its-a-Mans-Celluloid-World-Report.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 112 p.

MARTEL, Frédéric. **Mainstream**: a guerra global das mídias e das culturas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 490 p.

NEVES, André de Jesus. **Cibercultura e Literatura**: identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction). Jundiaí: Paco Editorial, 2014. 204 p.

OLIVEIRA, Mariana Rodrigues. **Relatório para elaboração da reportagem transmídia**: Fanfiqueras: a representatividade feminina na autoria de fanfics. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

PADRÃO, M. Leituras resistentes: fanfiction e internet vs. cultura de massa. **E-Compós**, [S. l.], v. 10, 2007. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/199>. Acesso em: 18 out. 2024.

PIVA, Heidi Campana; AFFINI, Letícia Passos. Apontamentos e discussões sobre o conceito de FanFiction. **Revista Temática**, [João Pessoa], v. 13, n. 7, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/35384/18043>. Acesso em: 6 jun. 2025.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudos da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

SAMPAIO, Lucimar Pinheiro da Silva. O lugar da fanfiction no ensino de literatura. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 1, 4 fev. 2020. Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2088>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SPIRIT Fanfiction. **Fanlore**, [S. l.], 26 Mar. 2025. Disponível em: [https://fanlore.org/wiki/Spirit\\_Fanfiction](https://fanlore.org/wiki/Spirit_Fanfiction). Acesso em: 5 jun. 2025.

SPIRIT FANFICS E HISTÓRIAS. **Lista de Gêneros**. [S. l.], c2025. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/generos>. Acesso em: 5 de jun. 2025.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. Tornando-se autor: a prática de letramento chamada fanfiction. In: VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**:

novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005. 128.